

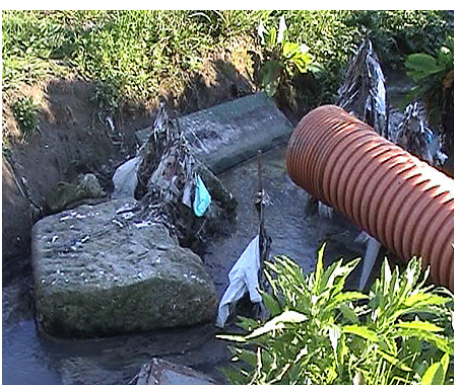
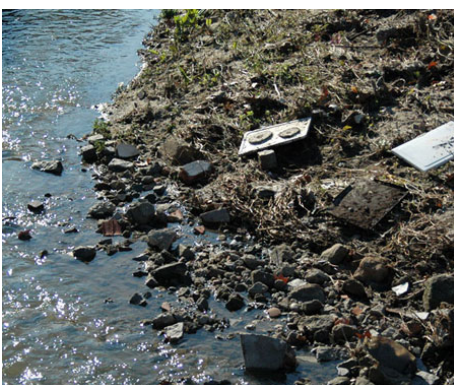
ÍNDICE PORTO página 2. PAÍS página 6. CULTURA página 7. ECONOMIA página 9. ÚLTIMA 10

Ribeiras do Porto limpas e requalificadas em 2009 página 2



Poças Martins: “Em nome de nada se pode permitir que se polua as ribeiras”

Amanda Ribeiro



Presidente da Águas do Porto assegura que até 2009 as ribeiras do Porto vão estar despoluídas e requalificadas.

O presidente da empresa municipal Águas do Porto, Poças Martins, tem como uma das suas metas “devolver a beleza das ribeiras à população”. O presidente da empresa municipal admite que “ainda há trabalho a fazer” e que poderá haver um concurso de ideias para a reabilitação dos cursos de água do Porto.

Durante anos, a inclusão das ribeiras no tecido urbano foi ignorada, procedendo-se a um progressivo entubamento da maioria das linhas de água. A Câmara do Porto só recentemente começou um projecto para reabilitar as ribeiras do concelho. Porquê agora?

As ribeiras são um factor de complicação na construção. A maneira mais fácil é metê-las num tubo e fingir que elas não existem. Quando tapamos as ribeiras acontecem situações, como as de Lisboa, em que há inundações e morrem pessoas. A razão de fundo para este projecto é que as cidades ganham em tratar das ribeiras. É mais bonito ter uma casa virada para uma ribeira a “cantarolar” limpinha.

O mote é “despoluir, desentubar e reabilitar”. Até agora o que já foi feito?

Em alguns casos já conseguimos reduzir a poluição dez vezes. É o caso da ribeira de Cartes e da Asprela. A vantagem é que foi feito sem gastar dinheiro. Até 2009, vamos conseguir eliminar a poluição nas ribeiras, vamos desentubar onde for possível e vamos reabilitar para, no fundo, devolver a beleza das ribeiras à população. Também entre este e o próximo ano todas as ruas vão ter saneamento. Sabemos o que falta a fazer, temos projectos para o que falta fazer, temos dinheiro e já lançámos as obras. Ainda há trabalho a fazer.

Disse que esse processo tinha sido feito quase sem gastar dinheiro...

No fundo, o que acontece muitas vezes é que há esgotos que estão indevidamente ligados a ribeiras. Hoje em dia, temos um sistema de tratamento para os esgotos, por isso, não faz sentido que os esgotos conti-

nem ligados a águas pluviais. Muitos moradores fizeram isso de boa fé. Muita gente não sabe a diferença entre águas pluviais e canos de esgoto. Tivemos de explicar às pessoas que se não lançassem os esgotos de sua casa no saneamento, o rio Douro ficava poluído, as praias sofriam e as próprias ribeiras ficavam descaracterizadas.

A ligação das habitações ao saneamento está a ser custeada pela Águas do Porto?

Não. O único dinheiro que a empresa tem é o dinheiro que os clientes lhe dão. Nós não podemos pôr quem cumpriu a pagar. Quem não cumpriu é que tem de pagar. Quem polui paga, é o princípio do poluidor-pagador.

Agora, temos uma capacidade negocial muito boa, temos preços muito favoráveis. Por isso, estamos a transferir para as pessoas a oportunidade de fazer as obras com os nossos preços. Mas temos de ser muito firmes. Em nome de nada se pode permitir que se polua, não faz sentido.

Enquanto presidente da Águas de Gaia procedeu também à ligação das casas ao saneamento, à reabilitação das ribeiras do concelho e à despoluição das praias. Gaia é um exemplo?

A situação em Gaia era muito pior do que a situação em que o Porto está hoje. Em 1997, não havia nenhuma estação de tratamento. Gaia tem cerca de 120 mil casas e nessa altura apenas dez mil estavam ligadas ao saneamento. Foi um esforço de mais de 100 milhões de euros. Fizeram-se colectores, ETARs, despoluíram-se dezenas de quilómetros de água e houve uma mudança cultural. As pessoas passaram a passear junto às ribeiras ou às praias durante todo o ano.

É um pouco isso que estamos à espera que aconteça no Porto. Há dois anos, em 2006, as pessoas chegavam às praias do Porto e viam sinais de proibido. Parecia que estávamos perto de um caldeirão explosivo. O problema das praias do Porto era que muitas casas não estavam ligadas ao saneamento e então descarregavam, directamente, para a praia ou para linhas de água que iam dar à praia. A primeira coisa a fazer foi pôr essas ligações direitas.

Em Junho de 2007 mencionou que, apesar de as ribeiras da Foz, Nevogilde e Aldoar serem prioridade, os casos mais graves eram a Asprela e a Granja. Até agora qual é o balanço da intervenção nestas dois casos?

A ribeira da Asprela está hoje dez vezes melhor do que estava em Junho de 2007. No caso da ribeira da Granja, as mudanças ainda não são sensíveis porque a poluição vem de outro concelho (Matosinhos) e também há muitos prédios que ainda não estão ligados ao saneamento.

No entanto, neste momento e até Junho (começo da época balnear) estamos a dar uma prioridade maior às praias, principalmente, no que diz respeito àquelas casas que lançam esgotos para as praias.

O que vai ser feito, concretamente, para reabilitar estes trajectos?

Há dois percursos pedonais que ambicionamos fazer. Na zona da Asprela vamos ver se conseguimos ligar as várias faculdades e estações de metro por percursos pedonais. Depois, na zona da ribeira da Granja também queremos fazer percursos pedonais em dois sítios: da Boavista até à Foz e outro na zona de Ramalde do Meio e Prelada. Aqui vamos desentubar.

Recentemente houve um concurso de ideias para os reservatórios do Porto. As reabilitação das ribeiras vai seguir o mesmo caminho?

Tivemos uma excelente resposta a esse concurso. Recebemos quase 200 propostas de mais de 20 países. Vamos agora avaliá-las. No fundo é a ideia da Wikipédia: dizemos que temos um problema e há imensa gente com tempo livre e com vontade de ajudar. Hoje a Internet permite isso. Quanto às ribeiras vamos fazer algo do género. Há interesses da Faculdade de Arquitectura e de outras faculdades. Vamos abrir o problema e vamos fazer uma discussão sobre água na cidade.

Ribeiras do Porto: Despolação começa a dar resultados

Amanda Ribeiro - ljcc05012@letras.up.pt

Ribeira da Asprela dez vezes mais limpa “sem gastar dinheiro”. Despolação da Granja ainda não é suficiente.

Desde o início do projecto “Ribeiras do Porto”, a poluição na Asprela já diminuiu dez vezes. De acordo com o presidente da Águas do Porto (AdP), Poças Martins, chegou-se a este resultado quase “sem gastar dinheiro”.

“O que acontece muitas vezes é que há esgotos que estão indevidamente ligados a ribeiras”, esclarece Poças Martins. Por isso, a progressiva ligação das habitações em falta ao sistema de saneamento veio melhorar a qualidade da água. Subsistem, no entanto, alguns registos de poluição ao longo do caudal da ribeira.

O portuense Abílio Sousa vive em S. Mamede de Infesta, mas conhece bem o leito da ribeira da Asprela. Recorda-se que, onde agora se situa a Faculdade de Economia no pólo da Asprela, a ribeira corria a céu aberto. “Era um pântano e, no Inverno, a água subia à rua e cercava tudo”, explica.

É, exactamente, para a zona do Pólo Universitário que a AdP tem planeado um percurso pedonal. Muitos utentes do metro desconhecem que nos terrenos bravios entre a estação do Pólo Universitário ao IPO corre uma ribeira. O objectivo é, assim, ligar as faculdades e o metro por uma travessia bucólica e natural, à semelhança da ribeira do Espírito Santo, em Gaia.

Granja vai contar com dois percursos pedonais

Os resultados na ribeira da Granja ainda não são satisfatórios. A nascente situa-se em Matosinhos, o que limita as acções de limpeza na zona do Porto. Por isso, a AdP tem combinado esforços com a câmara de Matosinhos para melhorar a qualidade da água que entra no Porto.

Os habitantes confirmam que há menos po-

lução, mas sublinham que o esforço ainda não é suficiente. Ana Barreto é uma das moradoras que tem consciência de uma leve melhoria ao nível da poluição da ribeira da Granja. Ouviu falar da intervenção camarária para reabilitar do curso de água, mas até agora considera que “não se viu nada”.

A mesma opinião é partilhada por Alfredo Pereira, habitante da zona de Lordelo do Ouro. “Desde que me conheço veio sempre poluição por aí abaixo”, afirma. O morador sabe que existe um plano para limpar a ribeira, mas sublinha que existem “esgotos clandestinos” que poluem as águas

Está também prevista a construção de dois percursos pedonais: uma travessia entre a zona da Circunvalação e de Ramalde; outro percurso que liga a Boavista à Foz, através da zona de Lordelo de Ouro, área já recuperada.

Grandes editoras não apostam na Feira do Livro do Porto

Inês Figueiras - ljcc05045@icicom.up.pt

Feira do Livro do Porto 2008 não conta com pavilhões próprios do Grupo LeYa, da Civilização Editora, da Bertrand Livresiros e da Girassol Edições.

O Grupo LeYa, que inclui editoras como a Texto Editores, as Edições ASA, a Editorial Caminho e as publicações Dom Quixote, não vai estar directamente presente na 78 Feira do Livro do Porto. O grupo será apenas representado através do pavilhão da Inovação à Leitura.

O mesmo acontece com a Civilização Editora, parte da Bertrand Livresiros e a Girassol Edições, que não terão stands próprios.

“Já sabíamos que a Feira do Livro do Porto, sob o ponto de vista da rentabilidade, era uma feira problemática”, revelou esta quarta-feira, em conferência de imprensa, Francisco Madruga, representante da Associação Portuguesa de Editores e Livresiros (APEL) na organização do evento.

Para o elemento da organização, mais do que um local de venda, a Feira do Livro deve ser entendida como um espaço onde as editoras constroem uma imagem junto do público.

Com 94 stands e 60 editoras inscritas, a feira conta com a participação de nove editoras novas com pavilhão próprio, como é o caso das Edições Lusófonas, do El Corte Inglés ou da Esfera dos Livros.

Em 2008, o autor em destaque é Germano Silva. No dia 8 de Junho, o cronista português será homenageado, data em que apresenta o novo livro “Porto - Sítios com História”. Também está prevista uma homenagem ao alfarrabista Nuno Canavez, no dia 24 de Maio, com o lançamento do livro “Nuno Canavez: As Palavras da Amizade”.

Universidade do Porto em debate durante a feira

Com uma vasta programação cultural sobre a cidade do Porto, a feira conta este ano com um debate dedicado à Universidade do Porto. Segundo Francisco Madruga, “a universidade, no campo da investigação, tem hoje, a nível europeu e mundial, uma preponderância muito grande”.

Durante toda a feira estarão em exposição “As Manchetes do Regicídio”, do Museu Nacional da Imprensa. Quanto aos autores, a presença de António Lobo Antunes já está confirmada para o dia 24 de Maio.

A Feira do Livro do Porto 2008 realiza-se de 21 de Maio a 10 de Junho, no Pavilhão Rosa Mota.

Objectivo: 2009 na Baixa do Porto

Para 2009, disse Francisco Madruga, “há firme vontade, quer por parte da APEL, quer por parte da Câmara do Porto, em levar efectivamente a Feira do Livro do Porto para a Baixa”. “Há firme vontade, quer por parte da APEL, quer por parte da Câmara Municipal do Porto, em levar efectivamente a Feira do Livro do Porto para a Baixa”. Segundo Madruga, a mudança “envolve um grande investimento em infra-estruturas”, pelo que estão a ser procuradas parcerias público-privadas.



Inês Figueiras

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/15/>

Situação de alerta na Serra do Pilar prolongada até fim do ano

Prolongamento tem como objectivo dar tempo para implementar todos os trabalhos de minimização de riscos e de identificação da geologia local.

Pedro Rios - prr@icicom.up.pt

A situação de alerta na escarpa da Serra do Pilar, em Gaia, foi prolongada até 31 de Dezembro, anunciou o Governo Civil do Porto, sexta-feira.

O prolongamento tem como objectivo assegurar um “período de tempo adequado à implementação de todos os trabalhos que se considerem necessários na sequência dos resultados das sondagens ainda em curso”, diz a governadora civil do Porto, Isabel Oneto, em comunicado enviado às redacções.

A situação de alerta na escarpa foi declarada a 17 de Março. “Actualmente, encontra-se em fase de conclusão a limpeza da vegetação na área de intervenção, efectuou-se a remoção de uma parte significativa de lixo e monos e procedeu-se à demolição de diversos anexos em ruínas”, refere o comunicado.

Foi também feita uma “campanha parcial de sondagens com vista à identificação da geologia local” e “foram iniciados os trabalhos de contenção entre os muros do Observatório [Meteorológico da Serra do Pilar] e do Quartel e a casa número 57 da Rua 2”.

As medidas de minimização de riscos já implementadas passam pela demolição dos anexos e barracas em ruína, o corte da vegetação e a remoção de lixo na área de intervenção e a construção de uma rede de

drenagem de águas pluviais.

Durante os trabalhos, duas famílias residentes na escarpa da Serra do Pilar, em Gaia, tiveram que abandonar o lar, devido ao risco de derrocada.

Alcino Sousa continuará a representar comerciantes do Bolhão

Anabela Seabra - ljcc05022@icicom.up.pt

Na hora de decidir entre Alcino Sousa, que tem dialogado com TramCroNe (TCN), e aqueles que contestam o projecto da empresa holandesa para o Bolhão em detrimento da alternativa do arquitecto Joaquim Massena, os vendedores optaram

pela continuidade do actual presidente da Associação de Comerciantes do Mercado do Bolhão (ACMB).

55 associados votaram a favor de Alcino Sousa, contra 38 da lista B. No final do escrutínio, a lista derrotada felicitou o adversário que espera apenas que o presidente da ACMB “cumpra com a promessa de defender os interesses dos comerciantes”.

O presidente eleito considerou a vitória como “um voto de confiança. Sobre o facto de ser acusado de defender o projecto da TCN que prevê a reabilitação do merca-

do Alcino Sousa afirma que o objectivo da internacional holandesa não é “destruir o mercado”, mas fazer obras que “são necessárias desde ha muito tempo”.

A actuação da Plataforma de Intervenção Cívica (PIC), que contesta o projecto da TCN, é vista por Alcino Sousa como um elemento “desestabilizador” entre os comerciantes.

Alcino Sousa está à frente da ACMB há 12 anos e vai continuar por mais três anos.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/16/>

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/16/>

Casos de lúpus aumentam em Portugal

Joana Vasconcelos - lj04035@icicom.up.pt

Estudo do ICBAS revela que existem cerca de 4 mil casos de lúpus em Portugal. Mulheres são as mais afectadas pela doença.

Os casos de pessoas infectadas com Lúpus Eritematoso Sistémico (LES), conhecido por lúpus, têm vindo a aumentar nos últimos anos e existem actualmente 4 mil casos de lúpus em Portugal, segundo um estudo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS). Esta doença crónica pode atingir vários órgãos sendo o sexo feminino o mais afectado.

“Epidemiologia Clínica do Lúpus Eritematoso Sistémico (LES) no Norte de Portugal” é o nome da tese de doutoramento de Carlos Vasconcelos, responsável da Unidade de Imunologia Clínica do Hospital Geral de Santo António, que faz um levantamento da prevalência e incidência da doença no Norte do País. O objectivo foi aprofundar

os conhecimentos sobre o lúpus, comparando os doentes portugueses com os dos outros centros internacionais.

O lúpus provoca uma inflamação no sistema imunitário. “O sistema imunitário vira-se contra nós e dá pancada em nós próprios e, conforme o sítio, pode ter diversas reacções e tratamentos. Sabemos que há factores genéticos que influenciam o aparecimento do lúpus, mas os factores ambientais também influenciam”, explicou ao JPN Carlos Vasconcelos.

Este estudo, inédito em Portugal, traça o perfil do doente com lúpus, que é predominantemente feminino e tem uma média de 31 anos, em 88% dos casos. Só no Norte do país há cerca de mil pessoas com LES, número que não tem parado de aumentar ao longo dos anos, tanto em Portugal como noutros países ocidentais. A maior taxa incide nas mulheres, por questões hormonais, embora também haja casos de

crianças e idosas.

Tratamentos a melhorar

Embora ainda não exista uma cura para o lúpus, os tratamentos estão a melhorar ao longo do tempo. “Temos medicação específica, que são os chamados imunossuppressores, que acalmam o sistema imunitário. Os benefícios têm sido demonstrados pela sobrevida acima dos 15 anos, e há muitos medicamentos na linha de saída que são capazes de ser muito úteis no lúpus”, afirmou o responsável.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/16/>

Na região Norte há cerca de mil casos de lúpus



Uma semana que recordou os “velhos tempos” do Trindade

Anabela Seabra - ljcc05022@icicom.up.pt

Depois de oito dias com as salas abertas ao público para promover o festival Indie no Porto, o cinema Trindade fecha novamente as portas. Organização esperava maior adesão.

As duas salas de cinema do Trindade estiveram abertas durante oito dias (8 a 15 de Maio) para dar a conhecer ao público do Porto os melhores filmes exibidos no Festival Indie, em Lisboa. A adesão, porém, não foi tão alta como o Plano B, entidade promotora do evento, esperava.

Ainda assim, a organização diz-se satisfeita com o número de pessoas que passaram pelo Trindade. Rita Maia, do Plano B, disse ao JPN que o público do Porto é difícil de cativar. Para a responsável, os portugueses

estão “pouco habituados ao cinema alternativo”. “Tem que haver abertura do público do Porto para ver esse tipo de filmes”, disse.

Além da dificuldade em despertar a atenção do público, Rita Maia adiantou ainda que o tempo que a organização teve para preparar o evento foi pouco e lamentou que a divulgação do festival tenha sido feita apenas quatro dias antes do festival começar.

A ausência de legendagens em português também é apontada pela responsável do Plano B como um dos factores que afastou o público para assistir aos filmes. Caso o festival se repita para o ano, Rita Maia revela a hipótese de legendar os filmes em português.

Quem ficou satisfeito com a reabertura das portas do Trindade foram os mais velhos que puderam matar saudades do tempo em que as salas de cinemas do Porto estavam abertas. “O que nos agradou foi o facto de algumas pessoas terem ido ao festival, sobretudo as mais velhas, para recordar os tempos em que havia salas de cinemas no Porto”, referiu Rita Maia.

Durante o festival, que serviu para fidelizar um “pequeno público”, estiverem expostos objectos usados na exibição de filmes no átrio do Trindade em 1913 e imagens que evocavam as antigas salas de cinema do Porto.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/08/>

Material antigo ligado ao cinema foi exposto durante o festival



Negativland, agitadores do corta-e-cola

Sara Otto Coelho - ljcc05070@icicom.up.pt

Grupo foi catapultado para o sucesso por causa de um processo movido pela editora dos U2 pelo uso de partes de uma das suas músicas.

Os Negativland não são uma banda: são todo um programa envolto, desde cedo, em controvérsia. O colectivo norte-americano surgiu no final dos anos 70, mas viu-se, 20 anos mais tarde, numa situação de algum reconhecimento público devido a problemas com os direitos de autor.

É que os Negativland não pedem autorização a ninguém para usar excertos de músicas, como aconteceu com "I Still Haven't Found What I'm Looking For" dos U2, o que lhes valeu um processo da editora da banda irlandesa em 1991 e que se arrastou du-

rante cerca de cinco anos.

O grupo veio apresentar a Portugal o seu espectáculo "It's All In Your Head FM", uma performance em formato de programa de rádio que aborda o tema da religião nos Estados Unidos pós-11 de Setembro.

"É claro que não pedimos autorização"

Mark Hosler, membro fundador do colectivo, esteve sexta-feira na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), juntamente com o seu colega de grupo Don Joyce, e defendeu que é preciso alterar a lei dos direitos de autor, ao mesmo tempo que mostrou algumas das obras mais controversas dos Negativland.

Quando o grupo nasceu, "nos tempos em que ainda não havia computadores com

copy / paste nem YouTube", a pesquisa de sons para as montagens era feita através da audição das velhinhas cassetes e a mistura de sons alheios provinha do corte e colagem das fitas, contou Mark Hosler.

A razão porque os Negativland não pedem autorização para usar material, como aconteceu com a canção dos U2, uma garrafa de Pepsi ou a imagem da Pequena Sereia, registada pela Disney, é explicada por Hosler desta forma: "Mesmo que tiremos partes de material alheio, combinamos as partes de uma forma nossa, e que origina um produto original".

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/17/>

Negativland são pioneiros na utilização criativa de material protegido por direitos de autor



Crescimento da economia revisto em baixa

Cristina Villas-Boas - lj04020@icicom.up.pt

Descida da taxa de inflação não é suficiente para equilibrar balança financeira do país, que em 2008 ficará marcada pela desaceleração da economia.

Contrariando as suas previsões iniciais, que apontavam para um crescimento de 2,2% em 2008, o ministro das Finanças anunciou esta quinta-feira que a economia portuguesa não deverá crescer mais de 1,5%.

Um estudo do INE divulgado quinta-feira confirma a desaceleração do PIB, que cresceu 0,9% no primeiro trimestre de 2008, precisamente metade dos resultados obtidos no período homólogo de 2007 (1,8%). Algo que, segundo Ricardo Valente, economista e docente da Faculdade de Economia

da Universidade do Porto, se deve à queda das exportações como consequência da crise financeira internacional.

O endividamento, subida das taxas de juro e os aumentos consecutivos dos combustíveis são também causas apontadas pelo docente para a “anemia” da procura doméstica interna, que “pressionam ainda mais os níveis de consumo em Portugal”.

Portugal “longe da média europeia”

Face ao trimestre anterior, o período de Janeiro a Março de 2008 registou um abrandamento de 0,2%, que, de acordo com Ricardo Valente, tem um impacto “negativo para o consumidor” e demonstra que “existe uma enorme divergência entre aquilo que é a realidade e o discurso dos políticos”.

“Portugal tem-se afastado claramente das médias europeias”, afirma o docente, lembrando que os dados da União Europeia surpreenderam pela “positiva, enquanto Portugal está abaixo do esperado”.

Mesmo depois de a taxa de inflação ter diminuído seis décimas de ponto percentual para os 2,5% em Abril, Ricardo Valente lembra que o abrandamento da economia poderá ter repercussões “quer ao nível de salários, quer ao nível de criação de postos de trabalho”.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/15/>

Transportes públicos mais caros a partir de Julho

Bárbara Oliveira - lj04079@icicom.up.pt

Subida de 6% é vista como “urgente” pela ANTROP, que diz que o último aumento deveria ter ido mais longe.

A partir de Julho, as tarifas dos transportes públicos vão aumentar 6%. Segundo o presidente da Associação Nacional de Transportadores Pesados de Passageiros (ANTROP), Luís Cabaço Martins, há uma necessidade “urgente” de subir as tarifas dos transportes, “pelo simples facto dos combustíveis terem um peso muito substancial na estrutura de custos das empresas”.

Luís Martins argumenta que o gasóleo tem um impacto “muito substancial” nos custos

das empresas e, desde Novembro do ano passado, quando foi definido o último aumento do tarifário, “já subiu 20%”.

A ANTROP propõe um aumento de 6%, que “está dependente do comportamento do preço dos combustíveis nas próximas semanas”.

A última subida ocorreu em Janeiro e foi de 3,9%. O agravamento dos preços foi “insuficiente”, porque “deveria ter sido na ordem dos 5%”, como afirmou Cabaço Martins.

O responsável pela ANTROP salienta que a medida proposta pelo Governo, que prevê a disponibilização de gasóleo mais barato às empresas de transportes de passageiros,

“já não é suficiente, porque o desconto que está previsto no gasóleo profissional corresponde a oito cêntimos por litro e o gasóleo já subiu cerca de 20”.

Luís Martins revela que há prejuízo nas empresas de transportes de passageiros “por causa do aumento dos custos”, calculado “em cerca de dois milhões por mês, no conjunto dos operadores”.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/15/>

Sindicatos pedem reunião urgente com Mariano Gago

Bárbara Oliveira - lj04079@icicom.up.pt

Ministro acusado de não dialogar com os sindicatos dos professores. Greve dos docentes do superior não está fora de hipótese.

Dois sindicatos do ensino superior admitem partir para a greve se não obtiverem uma resposta no prazo de sete dias do ministro Mariano Gago sobre a precariedade dos empregos e o bloqueio das carreiras no sector.

Segundo Paulo Peixoto, presidente do Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNE-Sup), o ministro do sector “deveria ter uma atitude mais dialogante com o sindicato”. A falta de diálogo “é também uma atitude de desrespeito com os professores do ensino superior”, diz ao JPN.

O SNESup e a Federação Nacional dos Pro-

fessores (Fenprof) apontam como exemplo da falta de diálogo uma carta enviada a Gago a 1 de Abril, que solicitava um encontro urgente com os sindicatos, mas que até ao momento não obteve resposta.

Para Paulo Peixoto, neste momento, “é particularmente grave que as instituições não saibam que tipo de contratos devem realizar com os docentes”. João Cunha Serra, da Fenprof, salienta que as principais questões que precisam de ser discutidas prendem-se com a precariedade das carreiras, o bloqueamento das progressões nos escalões e as mudanças de categoria.

O responsável pelo SNE-Sup afirma que “contam-se pelas mãos as greves no ensino superior”, mas revela que os docentes que contactam nas instituições de ensino superior “têm lançado um repto aos sindi-

catos no sentido de serem tomadas medidas mais incisivas face ao estado actual do ensino superior”. O “cenário de greve não está excluído”, mas “os sindicatos ainda não discutiram qualquer tipo de paralisação”.

João Cunha Serra, da Fenprof, relembra que “há muita gente no ensino superior que está há longos anos com contratos a prazo” e avalia a situação actual como “intolerável”. Considera que antes de se equacionar a hipótese de greve é necessário dialogar com Mariano Gago, mas salienta que não vai admitir “que o ministro tenha a ideia de fazer negociações próximo ou durante as férias”.

Notícia com áudio

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/16/>

Meningite B mais perto de ter vacina

Amanda Ribeiro - ljcc05012@letras.up.pt

Grupo farmacêutico britânico obteve bons resultados ao testar a vacina em 150 bebés.

Pode estar para breve a descoberta de uma vacina contra a meningite B. O grupo farmacêutico Novartis testou a vacina no Reino Unido e obteve resultados satisfatórios. Segundo um comunicado emitido pelo grupo britânico, foi alcançada uma resposta imunitária positiva nos 150 bebés, o grupo com maior risco de contrair a doença.

A vacina da Novartis pode ser a primeira a garantir protecção contra a doença meningococcal, uma das tipologias mais graves de

meningite. Hoje em dia, durante o primeiro ano de vida, os bebés são vacinados contra os três tipos de infecções mais comuns que causam meningite (HiB, pneumococcal e meningite C), mas é a infecção meningococcal (meningite B) a responsável pela maioria das mortes.

Os bebés analisados foram vacinados em quatro doses: aos dois, quatro, seis e 12 meses. As respostas ao fim da quarta dose foram de 100%, 98% e 93%, o que garante imunidade aos três tipos de meningite B analisados. Agora, os investigadores vão continuar a trabalhar, no sentido de verificar a protecção da vacina aos outros tipos

de meningite B.

Em declarações ao JPN, a subdirectora-geral da Saúde, Graça Freitas, explicou que estes resultados são fruto de um “processo muito complexo e rigorosos”, mas não escondeu o seu entusiasmo pela descoberta.

“As expectativas são positivas e de muita satisfação. Toda a comunidade médica e científica encontra-se muito satisfeita com esta possibilidade”, salientou Graça Freitas, que acredita que, “se tudo correr bem”, uma vacina contra a meningite B poderá ver a luz do dia dentro de “dois a três anos”.

>>> <http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/15/>